

LIVRO I

Personagens do diálogo: Sócrates, Gláucon, Polemarco, Trasímaco, Adimanto, Céfalo

I. Desci ontem ao Pireu com Gláucon¹, filho de Ariston, para fazer minhas preces à deusa e, ao mesmo tempo, ver como fariam a festa², porque então a celebravam pela primeira vez. Achei bela a procissão do povo do lugar; não menos suntuosa, porém, a que os trácios prepararam. Fizemos nossas preces, assistimos à cerimônia e íamos voltando para a cidade. Então, de longe, vendo-nos tomar o rumo da cidade, Polemarco, filho de Céfalo, mandou que seu escravo corresse e pedisse que o esperássemos. E o escravo, pegando-me pelo manto por detrás, disse:

– Polemarco pede que o espereis.

· Voltei-me e perguntei onde ele estava.

– Olha lá! disse. Vem vindo atrás. Esperai!

– Esperaremos sim! disse Gláucon.

Um pouco depois chegaram Polemarco³, Adimanto, irmão de Gláucon, Nicérato⁴, filho de Nícias, e mais outros. Pelo jeito, estavam vindo da procissão.

Então Polemarco disse:

– Sócrates, parece-me que vais indo embora para a cidade.

– Não erraste, disse eu.

– E estás vendo, disse ele, quantos nós somos?

– Como não?!

– Pois bem! disse. De duas, uma... Ou mostrareis que sois mais fortes que nós ou não ireis embora.

– Não haverá ainda outra opção? Uma que seja? perguntei. E se vos persuadirmos de que deveis deixar-nos ir?

– Poderíeis persuadir a quem não vos desse ouvidos?

– De forma alguma! disse Gláucon.

– Pois bem! Não vamos ouvir, e é isso que deveis ter em mente.

328 a

E Adimanto disse:

– Será que não sabeis que hoje, ao entardecer, haverá uma corrida com tochas, dedicada à deusa? Elas serão levadas por cavaleiros...

– Por cavaleiros? disse eu. Isso é novidade! Disputarão a cavalo, com as tochas nas mãos, passando-as uns aos outros? É isso que dizes?

– Isso mesmo, disse Polemarco. Além disso, farão uma vigília a que valerá a pena assistir. Sairemos após o jantar e assistiremos à vigília. Lá encontraremos muitos jovens e ficaremos conversando. Vamos! Ficai conosco e desisti de ir embora!

E Gláucon disse:

– Ao que vejo, temos de ficar.

– Mas, se assim pensas, disse eu, assim temos de fazer.

II. Fomos então à casa de Polemarco e lá encontramos Lísias e Eutidemo⁵, irmãos de Polemarco, e também Trasímaco da Calcedônia⁶, Carmântides do demo de Peânia e Clitofonte, filho de Aristônimo. Dentro de casa estava Céfal⁷, pai de Polemarco, e eu o achei bem envelhecido, pois fazia tempo que não o via. Estava sentado numa cadeira, com uma coroa na cabeça e apoiado numa almofada. É que acabara de oferecer um sacrifício no pátio. Então sentamo-nos a seu lado, já que lá algumas cadeiras estavam dispostas em círculo.

Logo que me viu, Céfal⁸ saudou-me e disse:

– Sócrates, não vens muitas vezes ao Pireu para visitar-nos. Mas devias... Se eu ainda tivesse forças para ir até

a cidade, não precisarias vir até aqui... Seríamos nós que iríamos à tua casa. Mas não! És tu, então, que deves vir aqui com mais frequência. Fica sabendo que, à medida que o outros prazeres, os do corpo, vão fenecendo, cresce-me a vontade e o prazer de conversar. Nem penses em ir embora... Fica em companhia destes jovens. Frequenta nossa casa, vendo-a como a de um amigo bem próximo.

– De fato, Céfal⁹, eu fico contente, disse eu, quando converso com pessoas bem idosas. Como percorreram um caminho por onde talvez nós também tenhamos de passar, acho que é preciso fazer-lhes uma pergunta: será esse caminho áspero e penoso ou suave e fácil? Também me dá prazer, já que estás naquela idade que os poetas chamam de limiar da velhice, ouvir-te dizer como vês esse momento da vida. É um momento difícil? Que dizes dele?

III. – Por Zeus, Sócrates, disse, eu te direi como o vejo. Muitas vezes nos reunimos, eu e alguns outros homens da mesma idade, e confirmamos o antigo provérbio⁸. Nesse encontro, quase todos entre nós se lamentam, sentindo falta dos prazeres da juventude e, lembrando-se dos amores, das bebidas, dos banquetes e de coisas ligadas a isso e irritam-se, porque, segundo eles, perderam grandes bens e somente naquele tempo a vida valia a pena, agora não mais. Alguns se queixam também de que os familiares tratam mal os velhos e, por isso, a cantilena deles é sempre esta: “Que sofrimentos nos causa a velhice!” Na minha opinião, Sócrates, eles não acusam a verdadeira causa. Se essa fosse a causa, na minha velhice eu também passaria pelo mesmo, e também todos os outros que atingiram a minha idade. Na realidade, porém, já encontrei outros, entre eles o poeta Sófocles, cuja atitude não é essa. Estava a seu lado quando lhe perguntaram: “Sófocles, como estás em relação aos prazeres do amor? Ainda és capaz de estar com uma mulher?” “Silêncio, homem!”, disse. “Estou muito contente de estar a salvo disso... Como alguém que está a sal-

vo de um senhor furioso e selvagem"... Naquela ocasião achei boa a resposta e, neste momento, não a acho menos boa. É que de maneira geral, na velhice, em relação a assuntos como esses, começa a haver muita paz e liberdade. Quando as paixões perdem sua tensão e se acalmam, acontece o que disse Sófocles e podemos ficar longe de senhores que são muitos e desvairados. Mas, também a respeito dessas queixas e das que eles têm dos familiares, a causa é uma só. Não é a velhice, Sócrates, mas o caráter dos homens. Se são moderados e de bom temperamento, também a velhice é para eles moderadamente penosa. Se não são, acontece que não só a velhice, Sócrates, mas também a juventude é penosa.

IV. Fiquei encantado com essa resposta e, querendo que continuasse a falar, provoqueei-o dizendo:

e – Céfalo, penso que, quando dizes isso, as pessoas em sua maioria não concordam contigo; acreditam que levas a velhice com facilidade não graças ao teu caráter, mas graças à grande fortuna que possuis. Os ricos, dizem elas, têm muitas consolações...

330 a – É verdade o que dizes, respondeu. Não concordam comigo e têm certa razão, mas não tanta razão quanto pensam. Vale é a resposta de Temístocles ao cidadão de Sérifo⁹ que o injuriava dizendo que devia sua reputação não a si mesmo, mas à sua cidade: "Sendo de Sérifo, eu não seria célebre, nem tu, se fosses ateniense." Para os que não são ricos e têm dificuldade em levar a velhice, vale o mesmo dito. Nem o homem sensato suportaria facilmente uma velhice que tivesse a pobreza como companheira, nem, tendo enriquecido, o não-sensato ficaria bem consigo mesmo.

– Céfalo, disse eu, a maior parte do que tens hoje tu herdaste ou fizeste outras aquisições?

b – Que bens acrescentei aos que herdei, Sócrates? Quanto ao dinheiro, estou mais ou menos no meio, entre meu avô e meu pai. Meu avô, o que tinha o mesmo nome que

eu, herdou quase tanto quanto possuo hoje e multiplico essa herança. Lisânias, meu pai, porém, tornou-a menor do que ela é hoje. Eu me contento em não deixá-la menor para estes aqui, mas maior do que a recebi, nem que seja por pouco.

– Fiz essa pergunta, disse eu, porque, na minha opinião, não gostas demais da riqueza, e isso, na maioria das vezes, ocorre com os que não a ganharam por si mesmos. Os que ganharam apegam-se a ela duas vezes mais que os outros; e, como os poetas amam seus poemas e os pais os seus filhos, os negociantes zelam por seu dinheiro por que o consideram obra sua e também, como os outros, por que vêem a utilidade que ele tem. Até a convivência com eles é difícil, já que só querem louvar sua riqueza.

– É verdade o que dizes.

V. – Sem dúvida, disse eu. Responde-me ainda a isto qual foi o maior bem de que usufruíste pela posse de grande fortuna?

– Se eu dissesse qual foi, provavelmente não convenceria muitas pessoas... Sabes muito bem, Sócrates, disse ele, que, quando alguém acha que está próximo da morte e preocupação o invadem a respeito de coisas em que antes não pensava. Os "mitos sobre o Hades" contam que, se aqui alguém comete injustiça, lá deve ser castigado embora até então fossem alvo de riso, naquele momento, torturam-lhe a alma com a dúvida de que possam ser verdadeiros. E ele, ou por fraqueza própria da velhice ou por julgar-se mais perto de lá, dá-lhes atenção maior. Fica então cheio de desconfiança e temor, refaz suas contas e procura ver se cometeu injustiça contra alguém. Frequentemente, quem descobre muitas injustiças em sua vida, como as crianças, desperta de seu sono, sente medo e vive esperando o pior; mas quem tem consciência de que não cometeu nenhuma injustiça tem a seu lado a doce esperança, a *boa nutriz da velhice*, como diz Píndaro. Foi ele

quem disse, Sócrates, e com muita graça, que, se alguém vive sua vida com justiça e santidade,

*com doçura, o coração
acalentando-lhe, nutriz da velhice, acompanha-o
a esperança, que mais à mente volúvel dos mortais
dá o rumo.¹⁰*

- Quão admirável é o que ele diz! ~~continua Sócrates.~~
Que palavras maravilhosas! Em relação a isso, tenho como digna de apreço a posse de riqueza; não, porém, para todo e qualquer homem, mas apenas para o sensato. Não enganar ou mentir mesmo involuntariamente, não dever sacrifícios a um deus, ou dinheiro a um homem, e assim ir para lá sem nada temer. Para isso contribuí muito a posse das riquezas. Ela traz muitas outras vantagens, mas, pensando-as bem, penso que para o homem sensato não será essa a menor.
- Belas palavras as tuas, Céfalos, disse eu. E, assim, afirmaremos que em si a justiça é simplesmente dizer a verdade e devolver o que se tiver recebido de outrem? Ou que é possível, às vezes, agir com justiça e, às vezes, contra ela? Por exemplo, quando alguém, de um amigo que estivesse em seu juízo perfeito, recebesse armas, se, estando fora de si, ele as pedisse de volta, todo mundo diria que não deve devolver tais armas e que não agiria com justiça quem as devolvesse, nem se quisesse dizer toda a verdade a alguém nesse estado.
- Estás certo, disse.
- A definição da justiça, portanto, não é dizer a verdade e devolver o que se recebeu.
- Sem dúvida é, Sócrates, disse Polemarco tomando a palavra, se é que devemos acreditar em Simônides¹¹.
- Bem! disse Céfalos, agora deixo convosco a nossa discussão, pois preciso ir cuidar do sacrifício.
- E Polemarco, disse eu, não é herdeiro do que é teu?

– É sim, disse ele com um sorriso, já indo para o sacrifício.

VI. – Fala então, disse eu, já que és quem vai herdar nossa discussão... Quanto ao que Simônides disse sobre a justiça, em que achas que ele está certo?

– Em dizer que é justo devolver a cada um o que lhe é devido, disse ele. Quando diz isso, parece-me, ele tem razão.

– Mas sem dúvida! disse eu. Não é fácil discordar de Simônides, homem sábio e divino que é. Tu, Polemarco, talvez saibas o que ele quer dizer, mas eu ignoro. Claro que não é sobre o que falávamos há pouco, isto é, devolver algo que alguém deixou em nossas mãos se, fora de seu juízo perfeito, ele o pede de volta. No entanto, não deixa de ser algo que é devido o que foi deixado sob guarda... Ou não?

– É, sim.

– Mas não se deve, de forma alguma, fazer a devolução a quem a reclamar, fora de seu juízo perfeito.

– É verdade, disse ele.

– Coisa diferente disso, parece, é o que Simônides quer dizer quando afirma que é justo devolver o que se deve.

– Diferente sim, por Zeus! disse. Ele pensa que aos amigos os amigos devem fazer o bem e nenhum mal.

– Entendo, disse eu. Não está devolvendo o que deve quem devolve a alguém o dinheiro que estava em suas mãos, se a devolução ou a retomada traz prejuízo e se são amigos quem devolve e quem recebe de volta. Não é isso que, segundo afirmas, Simônides está dizendo?

– Sem dúvida.

– O quê? Aos inimigos deve-se devolver o que lhes é devido, seja isso o que for?

– Absolutamente tudo, disse ele, que lhes é devido. E ao inimigo, da parte de um inimigo, é devido justamente o que lhe cabe, isto é, um mal.

VII. – Ah! disse eu. Foi provavelmente uma expressão enigmática que Simônides, poeta que é, usou ao definir o que é a justiça. Ele pensava, parece, que o justo é dar a cada um o que lhe convém, mas usou a expressão *o que lhe é devido*.

– Mas o que achas? disse.

– Por Zeus! disse eu. Então, se alguém lhe perguntasse: “Simônides, a quem e o que a arte chamada medicina dá o devido e o conveniente?”, o que, pensas, ele nos responderia?

– Evidentemente que aos corpos dá remédios, alimentos e bebidas.

– Se a arte, por dar o devido e o conveniente, é chamada culinária, a quem os dá e o que dá?

– Por certo, dá aos pratos os seus temperos.

– Bem! Por dar a quem e o quê, a arte seria chamada justiça?

– Se devemos, Sócrates, disse ele, continuar na linha do que foi dito antes, a arte que aos amigos dá ajuda e aos inimigos, prejuízo.

– Então, ele diz que a justiça é tratar bem os amigos e tratar mal os inimigos?

– É o que penso.

– Então, quem é mais capaz de tratar bem os amigos, quando doentes, e de tratar mal os inimigos em relação à doença e à saúde?

– O médico.

– E os navegantes, em relação aos perigos do mar?

– O piloto.

– E o homem justo? Em que atividade e em que função é ele o mais capaz de ajudar os amigos e prejudicar os inimigos?

– Na guerra, lutando contra ou como aliado, penso eu.

– Bem! Para os que não estão doentes, caro Polemarco, o médico de nada serve.

– É verdade.

– Nem o piloto para os que não estão navegando.

– Nem o piloto.

– Será que também para os que não estão em guerra o homem justo de nada serve?

– De modo algum é isso que penso!

– Ah! na paz também a justiça é útil?

– É útil, sim.

– E a agricultura também. Ou não?

– Sim.

– Para obtenção de frutos?

– Sim.

– Também a arte do sapateiro?

– Sim.

– Dirias, creio, que ela é útil para a aquisição de sapatos?

– É, sim.

– E a justiça? Poderias dizer para que uso e para que aquisição ela é útil na paz?

– Para os contratos.

– Chamas de contratos as associações ou outra coisa?

– As associações.

– O homem justo seria um sócio bom e útil para dispor as peças de um jogo, ou seria o jogador?

– O jogador.

– Mas, para dispor tijolos e pedras, o homem justo é um parceiro melhor que o pedreiro?

– De maneira alguma.

– Mas para quais parcerias o homem justo é melhor parceiro que o citarista, como o citarista é melhor que o homem justo para tanger as cordas?

– Em questões de dinheiro, parece-me.

– Talvez, Polemarco, exceto em relação ao uso do dinheiro, quando numa parceria se tem de comprar ou vender um cavalo a dinheiro. Aí o melhor, penso, é o tratador de cavalos. Não é?

– Parece.

– E, quando se trata de um barco, é o construtor de barcos ou o piloto.

– Parece.

– Então, quando se tem de usar dinheiro ou ouro em sociedade com outra pessoa, em que o homem justo é mais útil que os outros?

– Quando algo deve ficar depositado e a salvo, Sócrates.

– Então, dizes que é quando não se precisa usá-lo para nada, bastando apenas que esteja em depósito?

– É, sim.

– Ah! Quando o dinheiro é inútil, nesse momento e em razão disso, a justiça é útil?

– Pode bem ser...

– E, quando se tem de manter guardada uma foice, a justiça é útil tanto comunitária quanto individualmente; mas, quando se tem de fazer uso dela, útil é a arte do vinhateiro?

– Parece.

– Afirmarás que também, quanto ao escudo e à lira, quando se tem de mantê-los guardados e sem uso, a justiça é útil; mas, quando se tem de usá-los, útil é a arte do hoplita ou do músico?

– Forçosamente.

– A respeito de todas as outras coisas, no uso de cada uma em particular, a justiça é inútil, mas, na ausência de uso, é útil?

– Pode bem ser...

VIII. – Então, de forma alguma, meu amigo, a justiça é coisa séria, se é útil justamente para o que está fora de uso. Examinemos o seguinte... Numa luta, seja no pugilato ou em outra luta qualquer, quem é mais hábil em golpear não é também o mais hábil em guardar-se dos golpes?

– Assim é que é.

– Então, quem é hábil em guardar-se de uma doença não é também muito hábil em causá-la sem que o percebam?

– A mim, pelo menos, parece.

– Mas, num acampamento, o mesmo indivíduo que bom guarda não é bom também para roubar os planos dos inimigos e para outras ações?

– É assim que é.

– Ah! Quem é um hábil guarda é também um hábil ladrão.

– Essa é a minha opinião.

– Ah! Se o homem justo é hábil no guardar o dinheiro é hábil também no roubá-lo.

– Pelo menos, disse ele, é isso que nosso raciocínio está indicando...

– Ah! Como um ladrão, ao que se vê, mostra-se o sábio, e pode bem ser que tenhas aprendido isso de Homero. Ele mostra apreço por Autólico, avô materno de Odisseu, e diz que ele a todos os homens suplantara em *roubo e perjúrio*¹². Provavelmente, portanto, a justiça, segundo o que tu, Homero e Simônides dizeis, é uma espécie de arte de roubar que, contudo, tem em vista trazer ajuda aos amigos e causar prejuízo para os inimigos. Não era isso que querias dizer?

– Não, por Zeus! disse. Mas nem sei mais o que eu queria dizer... Minha opinião, porém, continua sendo que justiça é ajudar os amigos e prejudicar os inimigos.

– Dizes que são amigos os que parecem honestos a cada pessoa ou os que são realmente honestos, embora não pareçam? Quanto aos inimigos, minha pergunta é a mesma.

– É de esperar, disse ele, que alguém ame aqueles que considera honestos e odeie aqueles a quem considera maus.

– Será que, em relação a isso, os homens não cometem um engano tendo a muitos como honestos, embora não o sejam, e a muitos avaliando de maneira contrária?

– Cometem um engano.

– Ah! Para eles, os bons são inimigos e os maus, amigos?

– Certamente.

a – Mas, apesar disso, nessa situação, para eles é justo ajudar os maus e prejudicar os bons?

– Parece.

– Mas os justos são bons e incapazes de cometer injustiça?

– É verdade.

– Segundo o que dizes, é justo fazer o mal àqueles que nada cometem de injusto.

– De forma alguma, Sócrates! disse ele. Acho perversa essa afirmação!

– Ah! Aos injustos, disse eu, é justo prejudicar, e aos justos, ajudar?

– Essa afirmação parece mais bela que a anterior.

e – Ah! A muitos homens, Polemarco, a todos quantos estão enganados ocorrerá que o justo seja prejudicar seus amigos, já que são maus, e ajudar seus inimigos, já que são bons. Sendo assim, estaremos dizendo justamente o contrário da afirmação que atribuíamos a Simônides.

– É bem isso que acontece, disse. Mas vamos melhorar nossa definição, pois pode muito bem ser que não tenhamos definido corretamente o amigo e o inimigo.

– Ao defini-los como, Polemarco?

– Amigo é quem parece bom.

– E, agora, disse eu, como melhoraremos essa definição?

335 a – Amigo é quem parece bom, disse ele, e realmente é bom; quem parece bom mas não é parece ser amigo mas não é. A respeito do inimigo, nossa definição será a mesma.

– Amigo, pelo que se vê, de acordo com essa definição, será o homem bom e inimigo o mau.

– Sim.

– Ordenas que à idéia do justo acrescentemos algo além do que dizíamos a princípio, quando afirmávamos que é justo tratar bem o amigo e mal o inimigo e, agora, que a isso acrescentemos que é justo fazer o bem ao amigo, que é bom, e prejudicar o inimigo, que é mau?

b – É bem isso, disse. Assim, parece-me, está bem.

IX. – Ah! Será, disse eu, que é próprio de um homem justo prejudicar um homem, seja ele quem for?

– É, sim! disse. Aos maus e aos inimigos deve-se prejudicar.

– Quando maltratados, os cavalos se tornam melhores ou piores?

– Piores.

– Em relação à virtude dos cães ou dos cavalos?

– À dos cavalos.

– Então, será que, quando maltratados, também os cães se tornam piores em relação à virtude dos cães, mas não em relação à dos cavalos?

– Necessariamente.

– E quanto aos homens, companheiro? Não diremos que, quando são maltratados, tornam-se piores em relação à virtude dos homens?

– Sem dúvida!

– Mas a justiça não é uma virtude dos homens?

– Necessariamente também...

– Ah! E os homens, meu amigo, quando são maltratados, necessariamente tornam-se mais injustos.

– É o que se vê.

– Então, será que com a música os músicos podem tornar os outros ineptos para a música?

– Impossível.

– Mas, com a equitação, os cavaleiros são capazes de tornar os outros ineptos para a equitação?

– Não são.

– Mas, com a justiça, os homens justos são capazes de tornar os outros injustos? Ou, falando de maneira mais geral, com a virtude os bons são capazes de tornar maus os outros?

– Mas é impossível!

– Não é, creio, tarefa do calor o tornar frio, mas a do seu contrário.

– Sim.

– Nem é próprio da secura o umedecer, mas a do seu contrário.

– É, sim.

– Nem é próprio do homem bom causar prejuízo, mas do seu contrário.

– Parece.

– E o homem justo é bom?

– Sem dúvida.

– Ah! Não é tarefa do homem justo, Polemarco, prejudicar nem o amigo nem a nenhum outro, mas a do seu contrário, o homem injusto.

– Parece-me, Sócrates, verdade o que dizes.

e – Ah! Se alguém afirma que é justo devolver a cada um o que lhe é devido, e se para ele isso significa que aos inimigos, da parte do homem justo, o devido é causar-lhes prejuízo, mas aos amigos prestar ajuda, não seria sábio quem o diz, pois sua afirmação não é verdadeira. Em momento algum, ficou evidente que seja justo prejudicar alguém.

– Concordo, disse ele.

– Ah! Lutaremos, disse eu, lado a lado, tu e eu, se alguém afirmar que isso é o que disse ou Simônides ou Bias ou Pítaco¹³ ou outro dos nossos sábios e veneráveis varões.

– Quanto a mim, eu estou disposto a ser teu companheiro nessa luta.

336 a – Mas sabes, disse eu, de quem me parece ser esse discurso segundo o qual é justo ajudar os amigos e prejudicar os inimigos?

– De quem? disse.

– De Periandro¹⁴, creio, ou de Perdicas ou de Xerxes ou de Ismênias de Tebas ou de outro homem rico que se considere muito poderoso.

– É bem verdade o que afirmas, disse.

– Bem! disse eu. Já que ficou evidente que nem a justiça nem o justo é isso, que outra coisa diríamos que ela é?

b **X.** E Trasímaco, muitas vezes, mesmo durante nosso diálogo, tentava intervir na discussão, sendo impedido pelos que estavam sentados a seu lado e queriam continuar a

ouvir a discussão. Quando fizemos uma pausa, depois que falei, não mais ficou quieto e, retesando-se como um animal feroz, veio para cima de nós como se fosse agarrar-nos.

Polemarco e eu levamos um susto e, dirigindo-se a presentes, ele disse:

– Que conversa fiada é essa, Sócrates? Já há tanto tempo estais nisso... Por que esse bom-mocismo, sempre fazer do mesuras um ao outro? Vamos! Se é que, de verdade, queres saber o que é o justo, não fiques só interrogando nem te esforces em refutar quando alguém te dá uma resposta, já que sabes muito bem que é mais fácil pergunta que responder. Vamos! responde tu também e dize-nos como defines o justo. E não me vás dizer que é o devido, nem que é o proveitoso, nem o conveniente nem o lucrativo, nem que é o vantajoso, mas enuncia com clareza e rigor o que quer que digas, porque não aceitarei blablablá como esses.

Ao ouvi-lo falar, fiquei assustado e, olhando para ele senti medo... Acho que, se não o tivesse visto antes que ele me falasse a mim, eu teria perdido a voz...¹⁵ Aconteceu, porém, que quando ele estava começando a ficar irritado com nossa discussão, fui o primeiro a encará-lo e assim consegui dar-lhe resposta, dizendo um pouco trêmulo:

– Não te zangues conosco, Trasímaco! Se ele e eu eramos no exame dos conceitos, fica sabendo que, se erramos, foi sem querer... Não penses que, se estivéssemos buscando ouro, de bom grado durante a busca ficaríamos fazendo mesuras um ao outro, perdendo a ocasião de descobri-lo. Mas quando estamos em busca da justiça, objetivo mais valioso que um monte de ouro, seria hora de fazer concessões tão tolas um ao outro, sem esforçar-nos o mais possível para que a tenhamos evidente diante de nossos olhos? Convence-te disso, amigo! Mas estou achando que não somos capazes... Mais cabível, portanto, é que vós, hábeis que sois, mais vos apiedeis de nós que vos encolerizeis.

XI. Ao ouvir essas palavras, começou a rir bem sarcasticamente e disse:

– Ó Hércules! Aí está a habitual ironia de Sócrates... Eu sabia disso e aos presentes já havia prevenido que tu não querias responder, que fingirias nada saber e tudo farias, menos responder, se alguém te fizesse uma pergunta.

– É que tu és sábio, Trasímaco... disse eu. Sabias bem que se perguntasses a alguém quanto vale o número doze e o advertisses, antes de receber a resposta: “Não digas, homem, que vale duas vezes seis, nem três vezes quatro, nem seis vezes dois, nem quatro vezes três, porque não admitirei que digas essas tolices”, evidentemente, creio, ninguém responderia a essa tua pergunta. Mas, se ele te dissesse: “Trasímaco, o que me estás dizendo...? Que não dê uma das respostas que mencionaste...? Ó espantoso homem, será que mesmo sendo uma delas justamente a resposta a dar, apesar disso, queres que eu diga algo diferente da verdade? Ou, então, o que queres dizer?”, que resposta darias a ele?

– Bem! disse. Como se isso ou aquilo fosse o mesmo...

– Nada impede que seja... disse eu. Então, mesmo que não seja o mesmo, se assim parece àquele que está sendo interrogado, crês que ele deixaria de responder aquilo que lhe parece, quer o proibamos, quer não?

– Então é assim que também vais fazer? Darás uma das respostas que eu vetei?

– Para mim, disse eu, nada haveria de estranho, se depois de refletir essa fosse a minha decisão...

– E então, disse, se eu mostrar, além das já apresentadas sobre a justiça, uma outra resposta, a melhor de todas? Saberias avaliar que penalidade te caberia?

– Que outra coisa, disse eu, senão sofrer a penalidade que cabe ao ignorante... Aprender com quem sabe... Também eu acho que é isso que mereço.

– Estás sendo bonzinho... disse ele. Mas, além de aprender, terás de pagar em dinheiro...

– Quando eu tiver... disse.

– Mas tens! disse Gláucon. Vamos, Trasímaco, se é por causa de dinheiro, fala! Todos nós daremos nossa contribuição a Sócrates.

– É bem isso que eu penso... disse ele. Para que Sócrates faça como sempre... Para que ele próprio não dê respostas, mas, quando o outro responder, tome ele a palavra e o refute...

– Como, ó excelentíssimo, disse eu, esse alguém responderia, se, em primeiro lugar, é ignorante e afirma que não sabe e, além disso, mesmo que tivesse uma idéia a respeito, um homem, que não é um qualquer, proíbe-o de dizer o que pensa? É mais natural que sejas tu quem interrogue. Tu dizes que sabes e tens o que dizer... Não te esquives e dá-me o prazer de tuas respostas! Não te faças de rogado e ensina Gláucon e os outros!

XII. Depois que disse isso, Gláucon e os outros pediram que ele não se esquivasse ao que lhe era pedido. Era evidente que Trasímaco estava ansioso por falar para ser elogiado e pensava ter uma resposta excelente, mas fingia, insistindo que eu respondesse. Por fim, concordou e disse:

– Eis, disse, a sabedoria de Sócrates... Ele próprio não quer ensinar, mas, fazer sua ronda e aprender com os outros, sem ser-lhes grato pelo favor.

– Afirmando, disse eu, que aprendo com os outros, falas a verdade, Trasímaco, mas, dizendo que não pago o favor, mentes. É que pago quanto posso e eu só posso elogiar, pois não tenho dinheiro. Faço isso de todo coração, se me parece que alguém fala bem. Logo, logo, ficarás sabendo disso, depois que me responderes, pois acredito que vais falar bem.

– Ouve-me, disse ele. Afirmo que o justo não é senão o vantajoso para o mais forte. Mas por que não me fazes um elogio? Ora, sei que isso tu não vais querer...

– Só se antes eu entender o que estás dizendo... Neste momento, eu ainda não sei. O justo, afirmas, é o vanta-

joso para o mais forte. E com isso, Trasímaco, o que pretendes dizer? O que estás dizendo não deve ser algo como isso... Se Polídamas¹⁶, o lutador de pancrácio, é mais forte que nós e a carne bovina traz vantagens para o corpo dele, esse alimento também para nós, que somos mais fracos que ele, é vantajoso e, ao mesmo tempo, justo.

– Sócrates, tu és um nojento! disse ele. Pegas o que eu disse por onde podes interpretá-lo da pior maneira...

– De maneira alguma, excelentíssimo, disse eu. Vamos! Expõe com mais clareza o que dizes!

– Então não sabes que o regime de governo de algumas cidades é a tirania, de outras a democracia e de outras a aristocracia?

– Como não?

– E não é o governo que, em cada uma delas, tem o poder?

– É, sim.

– E, em cada cidade, o governo estabelece as leis tendo em vista sua própria vantagem: o governo democrático estabelece leis democráticas, o tirânico leis tirânicas, o aristocrático, as leis aristocráticas, e os outros da mesma forma. Estabelecidas as leis, declaram que o vantajoso para eles é o justo para os subordinados e punem quem infringe essa norma, como transgressor da lei e culpado de injustiça. Eis, portanto, excelentíssimo, o que eu digo ser justo sempre, em todas as cidades sem exceção: o vantajoso para o governo estabelecido. É ele que tem o poder e, para quem raciocina corretamente, em todos os lugares, o justo é sempre a mesma coisa, a vantagem do mais forte.

– Agora, disse eu, entendi o que dizes. Se é verdade ou não, vou tentar saber... Ora, Trasímaco, também tu respondeste que o vantajoso é justo, embora a mim tivesses proibido que eu desse uma resposta como essa. Aí houve, porém, um acréscimo: *do mais forte*.

– Pequeno acréscimo talvez... disse.

– Ainda nem ficou evidente se é um grande... Mas é evidente que se deve examinar se tu estás dizendo a verda-

de. Até concordo contigo que o justo é vantajoso, mas tu estás fazendo um acréscimo e afirmas que é o vantajoso para o mais forte. Isso eu não sei... É preciso que façamos um exame.

– Faze-o, disse ele.

XIII. – É isso que vamos fazer, disse eu. Explica-me... Não afirmas, entretanto, que também obedecer aos governantes é justo?

– Afirmo.

– São infalíveis, em cada uma das cidades, os governantes ou podem cometer erro?

– Certamente, disse ele, podem cometer erro.

– Então, quando se põem a fazer leis, umas as fazem de modo correto, outras, de modo não-correto.

– É o que penso...

– Fazê-las de modo correto é estabelecer vantagens para si mesmo? E de modo não-correto é estabelecer desvantagens? Ou é outra coisa que estás dizendo?

– É isso mesmo.

– Mas o que foi instituído por eles os subordinados têm de fazer, e é isso o justo?

– Como não?

– Ah! De acordo com teu raciocínio, não só é justo fazer o que é vantajoso para o mais forte, mas também o contrário, o não-vantajoso.

– O que estás falando? disse

– O que tu também estás falando, parece-me. Examinemos melhor! Não há, entre nós, um acordo nesse ponto? Ao determinar que os subordinados façam algo, os governantes às vezes falham na avaliação do que é melhor para si próprios mas que, para os subordinados, o justo é fazer o que os governantes determinam? Nisso não estávamos de acordo?

– Creio que sim.

– Pois bem! disse eu, lembra-te que tu estavas de acordo nesse ponto... É justo fazer o que é desvantajoso para

os governantes e para os mais fortes, quando os governantes, sem querer, ordenam o que para si mesmos é mau, e para os subordinados, afirmas, é justo cumprir as ordens que lhes foram dadas. Nesse caso, ó sábio Trasímaco, não é inevitável a conclusão de que justo é fazer o contrário do que dizes? Fazer o desvantajoso para o mais forte foi o que ordenaram aos mais fracos...

340 a – Sim, por Zeus! É isso, Sócrates, e de maneira muito clara – disse Polemarco.

– Caso tu lhe sirvas de testemunha... interveio Clitofonte.

– E em que, disse Polemarco, há necessidade de testemunha? O próprio Trasímaco concorda com afirmação de que às vezes os governantes ordenam o que é mau para si próprios, mas que, para os subordinados, é justo fazê-lo.

– Cumprir as ordens dos governantes é justo. Foi essa, Polemarco, a proposição de Trasímaco.

b – E estabeleceu também, Clitofonte, que é justa a vantagem do mais forte. E, depois dessas duas afirmações, ele admitiu que, às vezes, o desvantajoso para si próprios os mais fortes ordenam que os mais fracos e os subordinados façam. Admitidas essas proposições, em nada o vantajoso para o mais forte seria mais justo que o desvantajoso.

– Mas, disse Clitofonte, estava dizendo que a vantagem do mais forte era o que o mais forte julgava ser-lhe vantajoso. Isso é o que o mais fraco deve fazer, e foi isso que estabeleceu como justo.

– Mas, disse Polemarco, não foi isso que foi dito.

c – Isso não faz diferença, Polemarco... disse eu. Se agora, porém, é dessa maneira que Trasímaco fala, assim acolhamos o que diz.

XIV. – Dize-me, Trasímaco! Era assim que querias definir o justo? O justo é o que ao mais forte parece ser vantajoso para ele, quer seja vantajoso, quer não? Diremos que é isso que dizes?

– De maneira nenhuma! disse. Mas crês que chamo de mais forte quem se engana, no momento em que se engana?

– Eu acreditava, falei, que era isso que tu dizias, quando concordaste em que os governantes não são infalíveis, mas também cometem erro.

– Sócrates, és um homem caviloso no que falas, disse. Eis um exemplo: A quem erra em relação aos doentes chamas de médico em razão do próprio erro que comete? Ou chamas de calculador quem erra no cálculo, e isso, no momento em que erra, em razão desse erro?! Mas não... Usamos, creio, a fala comum e dizemos: O médico errou, o calculador errou, o escriba... Penso que cada um deles, na medida em que ele é o que dizemos, jamais erra. Sendo assim, a rigor, já que também estás usando uma linguagem rigorosa, nenhum artífice¹⁷ erra. Vindo a faltar-lhe conhecimento, quem erra, erra naquilo em que não é artífice. Assim ninguém, seja ele artífice ou sábio ou governante, erra enquanto artífice ou sábio ou governante, embora todo mundo diga: “O médico errou, o governante errou.” Toma, portanto, como tal a resposta que te dei. Em sua expressão mais rigorosa, a resposta seria que o governante, enquanto governante, não erra e, não errando, estabelece o melhor para si, e isso o subordinado tem de fazer. Sendo assim, digo o que desde o começo estou dizendo, que justo é fazer o vantajoso para o mais forte.

XV. – Bem, Trasímaco! disse eu. Na tua opinião, uso cavilação?

– Sem dúvida, disse.

– Acreditas que, de propósito, usei cavilação ao fazer as perguntas que te fiz?

– Bem sei que foi assim, disse. Nada mais conseguirás... Não usarias cavilação sem que eu percebesse, e sem ela, serias capaz de impor-te pela força na discussão.

– Nem tentaria, meu caro, disse eu. Mas, para que isso não torne a acontecer, define se estás usando a fala comum

ou a linguagem rigorosa de que há pouco falavas, quando mencionaste o governante e o mais forte a cuja vantagem, sendo ele o mais forte, justo é que o mais fraco se dedique.

– Refiro-me ao que é governante, disse ele, usando a linguagem mais rigorosa. Contra isso, usa argumentos capciosos e má-fé, se poderes. Não te farei restrição alguma, mas de forma nenhuma serás capaz...

– Acreditas, falei, que sou tão louco que tente tosar um leão e usar de cavilação com Trasímaco?

– Pelo menos, há pouco tentaste, disse, embora nada sejas...

– Mas basta de discussões desse tipo... Vamos! Responde-me... O médico que, no sentido rigoroso da palavra, é médico, aquele de quem falavas há pouco, cuida de ganhar dinheiro ou cuida dos doentes? Fala só do que realmente é médico.

– Cuida dos doentes, disse ele.

– E o piloto? O verdadeiro piloto é chefe dos marinheiros ou marinheiro?

– Chefe dos marinheiros.

– Não se deve levar em conta, creio, se navega no navio, pois não é por isso chamado de marinheiro. Não é por navegar que é chamado de piloto, mas por sua arte e pelo comando dos marinheiros.

– É verdade, disse.

– Então, para cada um deles há algo vantajoso?

– Há, sim.

– E o objetivo natural da arte não é buscar e propiciar algo vantajoso a cada um?

– É, sim.

– Então também para cada uma das artes o vantajoso não será outra coisa senão ser ela o mais perfeita possível?

– Qual é tua pergunta?

– Esta aqui, disse eu. Se me perguntasses se para o corpo basta que ele seja corpo ou ele carece de algo a mais,

eu diria: “É certo, sim, que ele precisa de algo a mais, e a arte médica foi inventada¹⁸ por causa disso, porque o corpo é carente e não lhe basta ser assim. A arte, portanto, foi preparada para proporcionar ao corpo o que lhe é vantajoso.” Parece-te que, se falasse assim, falaria corretamente? Ou não?

– Falaria corretamente, disse.

– E então? A medicina, em si mesma, pouco vale? Ou uma arte às vezes precisa de uma faculdade a mais, como os olhos precisam da visão e os ouvidos da audição, e por esse motivo precisa de uma arte que vise e propicie o que lhe é vantajoso? Será que também, no íntimo da própria arte, há uma deficiência e cada uma delas precisa de outra arte que procure ver o que lhe traz vantagem e, por sua vez, aquela que está nessa procura precisa de outra assim, e isso ao infinito? Ou ela mesma visará ao que é vantajoso para si mesma? Ou, então, nem precisa de si mesma nem de outra arte para cuidar do que é vantajoso para sua fragilidade, pois em nenhuma arte há fragilidade ou falha alguma, nem cabe a uma arte buscar o vantajoso de outro que não seja aquele de quem é arte e, sendo verdadeira, é sem falha e sem mancha, na medida em que, rigorosa, é por inteiro o que é? Examina com aquela linguagem rigorosa! Ela é assim ou diferente disso?

– Parece que ela é assim, disse.

– Ah! A medicina não visa ao vantajoso para a medicina, mas para o corpo.

– Sim, disse.

– Nem a equitação, ao vantajoso para equitação, mas ao vantajoso para os cavalos; nem nenhuma outra arte visa ao vantajoso para si, pois de nada precisa a mais, mas ao vantajoso daquele de quem é arte.

– Parece que é assim, disse.

– Mas, Trasímaco, as artes governam e dominam aqueles que as têm como sua arte.

Nesse ponto ele concordou, e muito a custo.

– Ah! Nenhuma ciência tem em vista nem impõe o que é vantajoso para o mais forte, mas para o mais fraco e é governado por ela mesma.

Por fim, concordou com isso também, mas com relutância. Depois que concordou, eu disse:

– Nenhum médico, portanto, enquanto médico, tem em vista nem impõe o vantajoso para o médico, mas para o doente? Estamos de acordo que é o médico, no sentido rigoroso, que comanda os corpos e não negociante. Ou não há esse acordo entre nós?

Ele assentiu.

– E que também o piloto, no sentido rigoroso, comanda os marinheiros, mas não é marinheiro?

– Nisso chegamos a acordo.

– Ah! Um tal piloto e chefe não procurará e imporá o vantajoso para o piloto, mas para o marinheiro e para o subordinado.

Concordou a custo.

– Então, Trasímaco, disse eu, nenhuma outra pessoa, em nenhum posto de comando, na medida em que é chefe, tem em vista e impõe o útil para si mesmo, mas o útil para o governado e para aquele a quem ele presta serviço e, voltando os olhos para isso e para o que é útil e conveniente para aquele, diz tudo o que diz e faz tudo o que faz.

343 a **XVI.** Quando a discussão chegou a esse ponto e ficou evidente para todos que a definição do justo viera dar no seu contrário, Trasímaco, em vez de responder, disse:

– Conta-me, Sócrates! Tens uma ama?

– O quê? disse eu. Não devias responder, em vez de fazer uma pergunta como essa?

– É que, disse, ela deixa que fiques com o nariz escorrendo e não te faz assoá-lo, mesmo que estejas precisando... Para ela não distingues nem ovelhas nem pastor...

– O que afinal estás dizendo? perguntei.

– Que acreditas, que os pastores ou os boieiros têm em vista o bem das ovelhas ou dos bois; que os engordam e deles cuidam olhando para algo que não é o bem de seus senhores ou o seu próprio... Julgas também que as expectativas dos governantes das cidades, daqueles que realmente exercem o governo, quanto aos subordinados, são outras e não as que se tem em relação às ovelhas, e o que procuram, dia e noite, não é descobrir donde tirar proveito pessoal... Estás tão longe do que se refere ao justo e à justiça, ao injusto e à injustiça que ignoras que a justiça e o justo constituem realmente um bem alheio, a vantagem do mais forte e do governante, enquanto prejuízo próprio tem aquele que obedece e serve. A injustiça, porém, é o contrário dela e governa os que, de verdade, são ingênuos e justos. Os subordinados fazem o que é vantajoso para o mais forte e o tornam feliz, servindo a ele, mas não a si mesmos. É preciso, ó ingênuo Sócrates, que tenhas em vista que o homem justo, em todos os lugares, perde para o injusto. Em primeiro lugar, nos contratos mútuos, onde quer que um destes esteja como sócio de um deles, jamais verás, numa dissolução de sociedade, um justo que tenha ficado com mais que o injusto, mas com menos. Além disso, nos negócios da cidade, quando há taxas a pagar, o justo, em pé de igualdade, paga mais e o outro, menos; e, quando se trata de receber, um nada lucra e o outro, muito. Quando um e outro exercem uma função pública, o justo terá por certo, mesmo que não venha a sofrer nenhuma outra perda, dificuldades nos negócios familiares, por descuidar-se deles, mas dos negócios públicos não terá nenhum benefício, por ser ele justo; além disso, terá o ódio dos familiares e conhecidos, quando preferir não lhes prestar ajuda que vá contra o que é justo. O oposto a tudo isso terá o injusto. Falo daquele de quem estava falando agora há pouco, daquele que é capaz de ambicionar grandes vantagens. Olha, portanto, para isso se queres discernir quanto lhe é, enquanto indivíduo, mais vantajoso ser injusto que ser justo.

Muito facilmente compreenderás, se alcançares a mais perfeita injustiça, a que torna muito feliz quem comete injustiça, mas infelicíssimo quem sofre injustiça e não quer ser injusto. Essa é uma tirania, que não rouba, pouco a pouco, às ocultas e à força, os bens alheios, sagrados e profanos, b particulares e públicos, mas tudo de uma só vez. Quando alguém deixa que o vejam cometer injustiça, é punido e é objeto das maiores censuras. Sacrilego, mercador de escravos, arrombador de casas, espoliador, ladrão são os nomes com que são chamados os que se limitam a praticar um só tipo de delitos como esses. Quando alguém se apodera dos bens de seus concidadãos e, além disso, os faz escravos, em vez de chamá-lo com esses nomes vergonhosos, é chamado c de bem-aventurado, não só pelos concidadãos mas também por todos quantos saibam que ele atingiu a injustiça total. Não por temer praticá-la, mas por temer vir a sofrê-la é que censura a injustiça quem a censura. Assim, Sócrates, a injustiça, se é bastante, é mais forte, mais própria do homem livre e poderoso que a justiça e, o que eu dizia desde o início, o interesse do mais forte é o que é justo, e o que é injusto é útil e vantajoso para ele.

d **XVII.** Tendo dito essas palavras, Trasímaco pensava ir embora, como um servidor de balneário, depois de ter despejado em nossos ouvidos, de uma só vez, seu longo discurso. De modo algum os que lá estavam o deixaram ir; ao contrário, exigiram que ficasse e prestasse contas do que dissera. E eu, por minha vez, insisti muito e disse:

– Ó divino Trasímaco, depois de nos fazer um discurso como esse, pretendes ir embora antes que tenhas demonstrado a contento ou aprendido se é assim ou não? Ou e crês que se trata de definir assunto de pouca monta e não o percurso de nossa vida, aquele que cada um de nós deve percorrer para viver uma vida muito profícua?

– E eu, disse Trasímaco, penso de modo diferente?

– Pelo teu jeito, disse eu, em nada te preocupas conosco, nem te perguntas se viveremos melhor ou pior por

desconhecer algo do que afirmas saber. Vamos, bom amigo! Arma-te de boa vontade e fazê também para nós uma exposição sobre esse assunto. Não estará mal empregado qualquer favor que nos faças... Estás vendo quantos somos! De minha parte, eu vou deixar clara a minha posição. Não estou persuadido nem creio que a injustiça seja algo que traga maior lucro que a justiça, ainda que lhe deixemos aberto o caminho e não a impeçamos de fazer o que queira. Mas, admitamos, meu caro, que um homem seja injusto e ele seja capaz de cometer injustiça, quer sem que o vejam, quer numa luta aberta... Apesar disso, ele não me persuadirá de que isso é mais lucrativo que a justiça. Essa impressão deve ter sido também a de um outro dentre nós e não só a minha... Persuade-nos, portanto, mas a contento, de que não pensamos corretamente, ao dar maior valor à justiça que à injustiça.

– E como, disse ele, persuadir-te? Se não estás persuadido com o que há pouco dizia, o que posso fazer-te ainda? Pegar minha argumentação e enfiá-la dentro de tua alma?

– Por Zeus, não! disse eu. Isso não! Ao contrário, em primeiro lugar, fixa-te no que disseres ou, se fizeres alguma mudança, faze-a de maneira clara, sem tentar enganarnos. Realmente, Trasímaco, tu vês (ainda examinaremos o que já foi dito) que, de início, definiste o verdadeiro médico, mas não pensaste ser necessário manter com rigor a definição do verdadeiro pastor... Acreditas que ele pastoreia suas ovelhas tendo, enquanto pastor, seus olhos voltados não para o melhor para as ovelhas, mas, como um conviva ou como quem dá um banquete, para as iguarias, ou, como um negociante, para o ganho na venda, mas não como um pastor. Mas para a arte do pastor, é claro, para proporcionar-lhe o melhor, nada importa senão seu objetivo, pois daquilo que lhe é específico para ser excelente está, é claro, suficientemente munido, na medida em que nada da arte do pastoreio lhe venha a faltar. Assim, há pou-

co, acreditava que é necessário que estejamos de acordo em que todo governo, enquanto governo, nada tenha em vista senão o melhor para o subordinado e para o que está sob seus cuidados, tanto como cidadão quanto como simples particular. E tu acreditas que, nas cidades, os governantes exercem de bom grado o governo?

– Por Zeus, não acredito, não! Estou certo disso...

XVIII. – E então, Trasímaco? disse eu. Quanto aos outros cargos, não notas que ninguém quer exercê-los de bom grado, mas as pessoas exigem salário, porque, pensam elas, do exercício do governo não serão elas que tirarão proveito, mas os subordinados? Só quero que respondas a isso. Não afirmamos que, caso a caso, cada uma das artes difere de uma outra por ter uma capacidade diferente? E, caro amigo, não me dês uma resposta que não corresponda ao que pensas, a fim de que cheguemos a uma conclusão.

– Mas é por isso que são diferentes, disse.

– Então, cada uma delas nos propicia um proveito específico e não comum a todas? Por exemplo, a medicina propicia a saúde, a arte do piloto, a salvação no navegar, e assim por diante as outras?

– Sim.

– A arte do assalariado também não propicia um salário? É essa a sua faculdade. Dás um mesmo nome à medicina e à arte do piloto? Ou, caso queiras defini-las com rigor, como propuseste, se alguém ao pilotar recobra a saúde, porque lhe faz bem navegar no mar, não será por isso que darás o nome de medicina à sua arte... Não é?

– Não, claro.

– Nem, creio, à arte do assalariado, se alguém recobra a saúde recebendo salário.

– Não, claro.

– Então? À medicina não chamarás de arte do assalariado, se alguém, para curar, exige receber salário?

– Não, disse.

– Não ficamos de acordo em que cada uma das artes tem sua capacidade específica?

– Admitamos que tenha.

– Ah! A vantagem que todos artífices têm em comuns advém, é claro, de um mesmo elemento a mais de que todos se utilizam em comum.

– Acho que sim, disse.

– Afirmamos que, ao receber salário, os artífices tiram proveito do fato de ser-lhes possível usar também da arte do assalariado?

Ele concordou a custo.

– Ah! Não é de sua própria arte que advém a cada um esse proveito, o recebimento do salário. Com um exame rigoroso, porém, vemos que a medicina produz saúde, a arte do assalariado um salário, a arquitetura uma casa, e a arte do assalariado, que é uma consequência da do arquiteto, um salário. Assim, todas as outras artes realizam o trabalho específico de cada uma e buscam obter vantagem para aquilo que têm como seu objetivo. E, se um salário não vier somar-se à arte, para o artífice há uma vantagem que prove-nha de sua arte?

– Parece que não, disse.

– Então não ~~lhe~~ traz nenhuma vantagem, quando ele trabalha de graça?

– Creio que traz.

– Então, Trasímaco, isto já está evidente, que nenhuma arte, nenhum governo, cuida da vantagem própria, mas, como já há muito dizíamos, busca e prescreve a do subordinado, visando ao vantajoso para o mais fraco e não para o mais forte. Por isso, caro Trasímaco, eu dizia também, há pouco, que por sua vontade ninguém quer governar e tratar dos males alheios curando-os, mas exige salário, porque aquele que pretende exercer bem sua arte jamais faz ou prescreve o que é melhor para si mesmo quando prescreve segundo sua arte, mas o melhor para o subordinado. E por essa razão, acho eu, devem ter um salário os que con-

sentirem em governar, seja em dinheiro, seja em honras, ou castigo, se recusarem.

XIX. – O que estás dizendo, Sócrates? disse Gláucon. Os dois tipos de salário eu conheço... Mas não entendo que punição é essa de que falas e por que a incluístes como salário...

b – Ah! O salário que não reconheces é o dos homens melhores, aquele pelo qual exercem o governo os mais nobres, quando consentem em governar. Não sabes que o amor das honras e do dinheiro é considerado e é coisa vergonhosa?

– Sei, sim.

c – Pois bem! disse eu. É por isso que os homens de bem não querem exercer o governo, nem por dinheiro, nem por honras. É que não querem, por receber à vista de todos um salário pelo governo, ser chamados de mercenários, nem, por tirá-lo furtivamente do governo, de ladrões. E não querem também recebê-lo por causa das honras, pois não amam as honras. Para eles é necessário que haja algo mais, coerção e castigo, no caso de consentirem em governar, e é por isso que pode muito bem acontecer que se considere vergonha pretender, de livre vontade, assumir o governo, sem esperar que haja uma coerção. O maior dos castigos para alguém é ser governado por alguém inferior, quando ele próprio não quer assumir o governo. Aparentemente, é sentindo esse temor que os homens de bem exercem o governo quando o assumem e é nesse momento que assumem o governo, não como se nele buscassem algo de bom ou uma boa vida, mas como se estivessem diante de algo que não podem evitar e como se pudessem entregá-lo a alguém melhor que eles ou a um igual. *d* Se existisse uma cidade de homens de bem, poderia muito bem acontecer que a disputa deles fosse para conseguir ficar fora do governo, como hoje é para assumi-lo; e aí ficaria evidente que realmente o verdadeiro governante, por

sua natureza, não tem em vista sua vantagem pessoal, mas a do subordinado. Assim, todo homem de discernimento preferiria receber ajuda de um outro a dedicar-se ao trabalho de ajudar um outro. Eu, portanto, de forma alguma concordo com Trasímaco em que o justo é o vantajoso para o mais forte. Essa questão, porém, examinaremos ainda outra vez¹⁹. Bem mais importante é, penso eu, o que Trasímaco está dizendo agora, quando afirma que a vida do homem injusto é melhor que a do justo. Então, Gláucon, disse eu, qual das duas afirmações tu preferes? Qual delas, na tua opinião, é mais verdadeira?

– Para mim, disse, a vida do homem justo é a que traz melhores resultados.

– Ouviste, disse eu, quantas coisas boas da vida do homem injusto Trasímaco enumerou há pouco?

– Ouvi, disse, mas não estou convencido.

– Então, queres que, se pudermos descobrir como, tentemos convencê-lo de que não está dizendo a verdade?

– Como não! disse ele.

– Pois bem! disse eu. Se, em revide, desferindo um discurso de abrangência igual à do discurso dele, dissermos quantas coisas boas tem o ser justo e se, de novo, ele falar e nós respondermos, será preciso contar quantas delas cada um de nós enumerou em cada discurso e medi-las, e logo precisaremos de alguns juízes para dar uma decisão. Se, porém, como até agora, formos prosseguindo nosso exame à medida que chegarmos a um acórdio, seremos ao mesmo tempo juízes e advogados.

– Sem dúvida.

– Então, disse eu, que tipo de exame preferes?

– Esse último.

XX. – Vamos, Trasímaco! disse eu. Responde-nos a partir do começo! Afirmas que a injustiça perfeita traz melhores resultados que uma justiça perfeita?

– Sem dúvida. Afirmo, disse eu, e já está dito por quê.

– Vamos lá! O que de semelhante dizes sobre elas? A uma delas chamas virtude, e à outra vício?

– Como não?

– Então a justiça tu a chamas virtude, a injustiça vício?

– É o que se espera se estou dizendo que a injustiça traz bons resultados e a justiça, não...

– Então as chamas como?

– Pelo nome contrário, disse ele.

– Será que à virtude chamas vício?

d – Não! Nobre ingenuidade.

– Ah! À injustiça chamas malícia?

– Não! Discernimento, disse ele.

– Na tua opinião, Trasímaco, são também sensatos e bons os homens injustos?

– São, sim! disse. Pelo menos os que são capazes de cometer injustiça de maneira tão perfeita que põem cidades e povos a seus pés. Crês, talvez, que eu esteja falando dos que cortam e roubam carteiras... Tais atos, disse ele, dão bons resultados se os outros não chegam a percebê-los; não vale a pena, porém, mencioná-los, mas apenas aqueles de que há pouco estava falando.

e – Ora, disse, não ignoro o que estás querendo dizer, mas estranho que tomes a injustiça como virtude e sabedoria e a justiça como seus contrários.

– Mas é bem assim que as tomo.

– Essa, porém, disse eu, é uma tese muito dura e não será fácil ter o que dizer! É que, se afirmasses que a injustiça dá bons resultados e, apesar disso, como alguns outros, estivesses de acordo que é um vício ou algo vergonhoso, poderíamos dar-te uma resposta expressando a opinião geral. Na realidade, porém, é evidente que afirmarás que ela é bela e forte e que lhe darás todos os atributos que atribuíamos à justiça, já que ousaste tomá-la como virtude e sabedoria.

349 a

– É bem verdadeira a tua conjectura, disse.

– Todavia, disse eu, mesmo assim não devemos desistir de prosseguir nossa discussão, até eu sentir que estás di-

zendo o que pensas. Parece-me que neste momento, Trasímaco, de modo algum estás caçoando de mim, mas expressando tuas opiniões sobre a verdade.

– Que te importa, disse, se tenho uma opinião ou não? Não vais refutar meu discurso?

– Nada importa, disse. Vamos! Tenta responder ainda a esta pergunta: O homem justo, na tua opinião, quer ser superior a um homem justo?

– De forma alguma, disse, pois, nesse caso, não seria um homem polido, como realmente é, e de boa índole...

– E superior a uma ação justa?

– Nem a uma ação justa, disse.

– Ele pretenderia ser superior ao homem injusto e julgaria que isso seria justo ou não julgaria justo?

– Julgaria, disse ele, e pretenderia, mas não seria capaz.

– Ora! Não é isso, disse eu, que estou perguntando... Se o homem justo não pretende ser superior ao homem justo nem o quer, ser superior ao injusto ele quererá?

– É assim que é, disse.

– E quanto ao homem injusto? Será que ele pretende ser superior ao homem justo e à ação justa?

– Como não iria pretender? Ele, que pretende estar acima de tudo!

– Então o homem injusto quererá ser superior ao homem injusto e porfiará para obter o máximo de tudo.

– É isso.

XXI. – Digamos, então, o seguinte... O homem justo não quer ser superior a um seu igual, mas a quem não é seu igual, o injusto, porém, é superior a quem é seu igual e a quem não é seu igual.

– Ótimas as tuas palavras! disse.

– Então, disse eu, é sensato e bom o homem ^{justo} justo, mas o ~~in~~ injusto nem uma coisa nem outra?

– Também isso está bem, disse.

– Então, disse eu, o homem injusto se assemelha ao sensato e bom, mas o justo, não?

– Como não? disse. Tendo tais qualidades, assemelha-se aos que são como ele, ao passo que o outro não.

– Muito bem! Então cada um dos dois é tal qual aquele a quem se assemelha?

– Mas poderia ser diferente? disse.

– Bem, Trasímaco! A um chamas músico, a outro chama-se *e* não-músico?

– Eu chamo.

– Qual deles é sensato e qual é insensato?

– Ao músico, claro, chamo sensato, ao não-músico, insensato.

– E ele não é bom naquelas coisas em que é sensato? Mau, porém, nas em que insensato?

– Sim.

– E quanto ao médico? Também não é assim?

– É.

– Na tua opinião, portanto, excelentíssimo, alguém que é músico, ao afinar sua lira, quer ser superior a um músico na tensão e relaxamento das cordas e pretende estar em vantagem sobre ele?

– Eu não...

– E a alguém que é ignorante em música?

– Forçosamente quererá, disse.

350 a – E o médico? Ao prescrever a alimentação e a bebida, quererá ser superior a um médico e à sua prática médica?

– Não, claro!

– E se não se tratar de um médico?

– Sim.

– Vê se, a respeito de todo conhecimento e ignorância, pensas que um conhecedor, qualquer que seja, *quereria* ser superior a outro conhecedor, em tudo quanto *faz ou diz*, e não quer o mesmo em relação a um seu igual em relação à mesma prática.

– Ora, disse, talvez seja assim necessariamente.

– E o ignorante? Não quererá ser superior tanto ao conhecedor quanto ao ignorante?

– Talvez.

– O conhecedor é sábio?

– É.

– O sábio é bom?

– É.

– Ah! O homem bom e sábio não quererá ser superior ao que é seu igual, mas ao não-igual e contrário.

– Provavelmente.

– Ora, o homem mau e ignorante quererá ser superior ao seu igual e contrário.

– Parece.

– Então, Trasímaco, disse eu, para nós, o homem injusto quer ser superior a quem é igual e a quem não é igual a ele? Ou não é isso que dizias?

– É isso, disse.

– E o homem justo não quererá ser superior ao seu igual, mas a quem não o é?

– Sim.

– Ah! O homem justo se parece com o sábio e bom, e o injusto com o mau e ignorante.

– Pode bem ser.

– Mas nisso estamos de acordo... Cada um é tal qual aquele com quem se parece.

– De fato, estamos de acordo.

– Ah! Para nós está evidente que o homem justo é bom e sábio, mas o injusto, ignorante e mau.

XXII. Trasímaco concordou com tudo isso, não facilmente como estou relatando agora, mas, depois de forçado e a custo, suando – e quanto! – já que era verão. Foi nesse momento que, pela primeira vez, vi o que nunca tinha visto antes, um rubor na face de Trasímaco... Então, depois que entramos em acordo de que a justiça é virtude e sabedoria, eu disse:

– Bem! Que isso para nós fique assentado assim. Tí-nhamos, porém, afirmado que também a injustiça é algo que tem força... Ou não estás lembrado, Trasímaco?

– Estou lembrado, disse. Mas não me agrada o que estás dizendo agora e tenho ainda o que dizer a respeito dessas coisas. Entretanto, se eu falasse, sei bem que afirmarias que eu estaria agindo como um orador falando ao povo, na praça. Portanto, ou deixa-me falar quanto quero ou, se queres interrogar, interroga. E eu, como para as velhas que contam suas histórias, irei falando: “Hein?” e, com um sinal de cabeça, responderei que sim ou não...

– De forma alguma, disse eu, sem que seja tua opinião!

– ... para agradar-te, já que não me deixas falar. Ora, que mais queres?

– Nada, por Zeus! disse eu. Mas, se é isso que vais fazer, faze-o. Vou interrogar-te.

– Interroga então!

351 a – Pois bem! Eis o que te pergunto, o mesmo, aliás, que há pouco, para fazermos um exame completo e seguido de nossa discussão: Qual é a relação da justiça com a injustiça? É que se disse, em certo momento, que a injustiça era algo mais potente e mais forte que a justiça. Mas, agora, se a justiça é sabedoria e virtude, facilmente, creio, ela se evidenciará como mais forte também que a injustiça, visto que a injustiça é ignorância. Ninguém poderia deixar de perceber isso. Não é, porém, algo tão simples, Trasímaco, o que desejo, mas um exame por um caminho mais ou menos como esse. Afirmarias que há cidade injusta que b tente escravizar outras cidades e as tenha escravizado e mantenha muitas como escravas, sob seu jugo?

– Como não? disse. E isso a melhor cidade, sendo injusta, fará mais vezes e mais perfeitamente.

– Entendo, disse, que esse é o teu discurso. Mas, a respeito dessa cidade, o alvo de meu exame é se a cidade que se tornou mais poderosa terá essa capacidade sem a justiça ou será necessário que ela o faça recorrendo à justiça.

– Se, como falavas há pouco, disse, a justiça é sabedoria, recorrendo à justiça; se é como eu falava, recorrendo à injustiça.

– Estou muito contente, Trasímaco, disse eu, porque não estás dizendo “sim” e “não” com sinal de cabeça, mas respondes muito bem.

– Sou eu que te agradeço, disse.

XXIII. – Tu estás sendo gentil! Mas faze-me ainda este favor e responde-me: Na tua opinião, uma cidade ou um exército, piratas ou ladrões, ou outro tipo de pessoas que, em sociedade, cometem agressões injustas, poderiam ter êxito se fossem contra os direitos uns dos outros?

– Não, claro... disse ele.

– E se não fossem? Não teriam mais êxito?

– Teriam, sim.

– É que, de certa forma, Trasímaco, a injustiça propicia rebeliões, ódios e lutas de uns contra outros, mas a justiça, concórdia e amizade. Ou não?

– Suponhamos que sim... disse ele. Não quero criar divergências contigo...

– Mas tu, excelentíssimo, estás sendo muito gentil... Dize-me o seguinte... Se da injustiça é próprio suscitar ódio onde quer que exista, será que, vindo a existir entre homens livres e escravos, não os fará odiarem-se uns aos outros, rebelarem-se e serem incapazes de agir em comum?

– Fará, sim.

– E se ela vier a existir entre duas pessoas? Não haverá discórdia e ódio? Não serão hostis uns em relação aos outros e aos homens justos?

– Serão.

– Se, no íntimo de uma única pessoa, homem maravilhoso, vier a existir injustiça, será que ela perderá sua capacidade ou não a terá em nada menor?

– Em nada menor, suponhamos, disse.

– Então, parece que ela tem uma capacidade tal que, se vem a existir, seja numa cidade, seja numa estirpe, seja

352 a num exército, seja em outro grupo social qualquer, em primeiro lugar, faz que ela seja incapaz de agir de acordo consigo mesmo, por causa das discórdias e divergências e, ainda, ser hostil a si mesmo e a todo adversário, e também ao homem justo. Não é assim?

– É, sim.

– E, existindo no íntimo de uma única pessoa, creio, produzirá tudo que, por sua natureza, produz. Fará, em primeiro lugar, que ela seja incapaz de agir, por estar em rebelião e discordância consigo mesma, e depois hostil a si mesma e aos homens justos. Verdade?

– Sim.

– Os deuses também são justos, meu caro.

b – Suponhamos que sejam... disse.

– Ah! E o homem injusto, Trasímaco, será inimigo dos deuses e o justo, amigo?

– Regala-te sem medo com o teu discurso que eu não te farei frente. Não quero que estes aqui me odeiem...

– Vai, pois! disse eu. Acaba de servir-me o resto do banquete, respondendo como até agora. É que dissemos, sim, que os justos se mostram mais sábios, melhores e mais capazes de agir, e os injustos nada conseguem fazer quando estão uns com os outros. Mas que aqueles de quem c dissemos que, um dia, realizaram em comum, uns com os outros, uma ação vigorosa, isso tenham feito por serem injustos, dizemos que de modo algum isso é verdade. É que não se poupariam mutuamente, se fossem inteiramente injustos. É evidente que, no íntimo deles, há uma justiça que os impede de cometer injustiça contra os seus e, simultaneamente, contra o adversário e que foi por meio dela que praticaram os atos que praticaram. Realizaram empresas injustas, sendo maus pela metade, visto que os inteira e integralmente maus são também incapazes de agir com d perfeição. Entendo, portanto, que assim é e não como expuseste no início. Agora devemos examinar se os justos vivem melhor e são mais felizes que os injustos, questão que

havíamos deixado para mais tarde. Ora, ao que me parece, a partir do que já foi dito por nós, está evidente que são. Em todo caso, devemos examinar melhor, pois não discutimos um assunto qualquer, mas qual deve ser nosso modo de vida.

– Examina, disse.

– Vou examinar, disse eu. Fala-me... Pensas que há uma tarefa própria do cavalo?

– Penso que sim.

– Será, então, que darias como tarefa de um cavalo ou de outro animal qualquer aquela que só se faz com ele ou, pelo menos, só com ele de modo perfeito?

– Não estou entendendo, disse.

– Mas, se eu perguntar assim? Enxergarias com outra coisa que não os olhos?

– Não, claro.

– Então? Ouvirias com outra coisa que não os ouvidos?

– De forma alguma.

– Então, com justiça afirmaríamos que aí estão as tarefas deles?

– Certamente!

– Não poderias podar os ramos da videira com uma espada ou com uma faca ou muitos outros instrumentos?

– Como não?

– Mas com nada o farias tão bem, creio, que com uma foice feita para isso.

– É verdade.

– Não teremos isso como uma tarefa dela?

– Teremos, sem dúvida.

XXIV. – Agora, creio, entenderias melhor minha pergunta de há pouco, quando procurava saber se não era a tarefa de cada coisa o que só ela faz ou só ela faz com perfeição.

– Ora, entendo, disse, e na minha opinião essa é a tarefa de cada coisa.

– Bem! disse eu. E não te parece que cada um a quem se impõe determinada tarefa tem uma virtude? Voltemos ao mesmo assunto... Os olhos têm uma tarefa?

– Têm.

– Então têm também uma virtude?

– Têm também uma virtude.

– Dissemos que há uma tarefa dos ouvidos?

– Sim.

– Então, também uma virtude?

– Também uma virtude.

– E a respeito de tudo o mais? Não é assim?

– É assim.

– Atenção! Será que os olhos cumpririam bem sua tarefa sem ter sua virtude própria, mas, em vez dela, um vício?

– E como poderia? disse. Deves estar falando da cegueira em vez da visão!

– Qualquer que seja a virtude deles... disse eu. Não é isso que estou perguntando, mas se é pela virtude que lhe é própria que realiza bem uma tarefa quem dela está incumbido, e se é pelo vício que a realiza mal.

– Isso é verdade, disse.

– Então, quando são privados de sua virtude específica, os ouvidos também realizam mal sua tarefa específica?

– É bem assim.

– Incluiremos todas as outras coisas no mesmo raciocínio?

– Na minha opinião, sim.

– Vamos! Depois disso, examina o seguinte... Há uma tarefa da alma para a qual não contarias com nenhuma outra coisa, com nenhuma que seja? Por exemplo, administrar, governar, deliberar e todas atividades como essas. Com justiça atribuiríamos essas tarefas a um outro qualquer que não à alma? Diríamos que elas são próprias da alma?

– De mais ninguém...

– E, agora; quanto ao viver? Afirmaremos que é tarefa da alma.

– Com certeza, disse.

– Afirmamos, então, que há uma virtude da alma?

– Afirmamos.

– Então, Trasímaco, a alma realizará sua tarefa própria, se for privada de sua virtude específica, ou isso é impossível?

– Impossível.

– Ah! Uma alma, se é má, necessariamente governa e administra mal, mas, se é boa, tem êxito em tudo.

– Necessariamente.

– Então, chegamos a acordo de que a justiça é virtude da alma e a injustiça, um vício?

– Chegamos, de fato.

– Ah! A alma justa e o homem justo viverão bem e o injusto, mal?

– É o que parece, segundo tua argumentação.

– Mas o que vive bem será venturoso e feliz, e não o será quem não vive bem?

– E poderia não ser assim?

– Ah! O homem justo será feliz e o injusto infeliz?

– Que sejam, suponhamos... disse.

– Mas ser infeliz não traz vantagem, ser feliz traz...

– E poderia não ser assim?

– Ah! Jamais, venturoso Trasímaco, a injustiça traz mais vantagem que a justiça...

– Banqueteia-te com essas iguarias, Sócrates, na festa das Bendídias! disse.

– Mas as recebi de tuas mãos, Trasímaco, disse eu, já que te fizeste amável comigo e deixaste de ser rude. Se não me regalei, foi por minha causa, não por tua. Ao contrário, acho que fiz como os gulosos que pegam e provam aquilo que vai sendo oferecido, antes de saborear suficientemente o prato anterior. Parece que, antes de chegar ao que a princípio examinávamos – o que é a justiça? –, deixei escapar esse tema e dei um salto, passando a examinar se ela é ou vício e ignorância, ou sabedoria e virtude; e, de novo, mais tarde, ao ocorrer a afirmação de que a injustiça

é algo que traz mais vantagem que a justiça, não me contive e troquei a questão anterior por essa... Sendo assim, nada sei, e isso foi o que resultou de nosso diálogo. Se não sei o que é a justiça, dificilmente saberei se ela é uma virtude ou não e se quem a tem não é ou é feliz...

NOTAS

1. Gláucon e Adimanto eram irmãos de Platão.
2. Como é dito em 354a, trata-se de Bêndis, deusa trácia, identificada com Ártemis, Hécate e Perséfone, embora a iconografia referente a ela sugira sua função como deusa da caça. O culto de Bêndis foi introduzido em Atenas, por volta de 430 a.C., pelos trácios aí residentes que celebravam as Bendídias, festas populares em sua honra.
3. Polemarco, filho de Céfalo, foi morto pelos Trinta Tiranos, em 404 a.C.
4. Nicérato, filho de Nícias, estrategista ateniense durante a Guerra do Peloponeso, morreu como Polemarco, pelas mãos dos Trinta Tiranos.
5. Lísias, orador ateniense, e Eutidemo eram filhos de Céfalo. Eutidemo, cujo nome serve de título a um dos diálogos de Platão, foi um dos primeiros adeptos da sofística e é muitas vezes citado na literatura grega. É uma figura histórica, embora se tenha pretendido que fosse uma personagem criada por Platão, que a usaria nos diálogos como máscara de Antístenes.
6. Trasímaco da Calcedônia, retor e sofista que influenciou muito no desenvolvimento da retórica. É autor de um manual de retórica em que dá instruções sobre como o orador pode suscitar emoções e conseguir um discurso eficaz. De Carmântides e Clitofonte, nada sabemos.
7. Céfalo era filho de Lisânias. Veio de Siracusa a Atenas, onde viveu como meteco por 30 anos, gozando da amizade de Péricles.
8. Provérbio citado por Platão, *Fedro* 240 c: "Cada um gosta de estar com os de sua idade."
9. Pequena ilha das Cíclades, no Mar Egeu, cujos habitantes eram objeto de caçada por causa da pequena importância po-

lítica de sua cidade. Outra versão dessa anedota é mencionada por Heródoto (VIII, 125).

10. Píndaro, frag. 214, Snell.
11. Simônides de Céos (ca. 556/ca. 468), poeta lírico, viveu muitos anos na corte de Hierão de Siracusa. Teve muita influência sobre seus contemporâneos, não só por sua poesia, mas por sua capacidade de expressão e experiência de vida. Tinha uma maneira irônica e cética de enfrentar as idéias vigentes em seu tempo e sabia usar de sua arte para ganhar dinheiro, sendo então visto como precursor dos sofistas.
12. Cf. *Odisséia* XIX, 395-396.
13. Bias de Priene e Pítaco de Mitilene foram muito venerados como estadistas em suas cidades e, segundo a tradição, eram contados entre os Sete Sábios.
14. Personalidades famosas por seus vícios: Periandro, tirano de Corinto, por sua crueldade; Perdicas, rei da Macedônia, pela infidelidade aos tratados; Xerxes, rei da Pérsia, por sua ambição de dominar outros povos; Ismêniades de Tebas, pela cobiça de riquezas que o levou a deixar-se corromper por Xerxes, ajudando-o em sua luta contra seus compatriotas.
15. Sócrates fala como se Trasímaco fosse um lobo. Segundo crença popular dos gregos, ao deparar com um lobo, quem não o encarasse antes que ele o fizesse perderia a voz.
16. Célebre campeão das Olimpíadas de 408 a.C. no pancrácio, isto é, luta total, em que não havia restrição alguma à violência dos golpes aplicados. Os adversários lutavam com as mãos nuas, e um tentava derrubar o outro, submetendo-o completamente.
17. Em grego *δημιουργός*. Embora seja evidente a composição dessa palavra (cf. *δήμος/ἔργον*), não encontramos um termo que a traduza plenamente. Segundo P. Chantraine, *Dic. Étym. de la langue grecque*, s.v.: em Homero o termo nomeia, de preferência, os carpinteiros, adivinhos e médicos, aedos e arautos e, no ático, designa a classe dos médicos e dos artistas. Plutarco, *Teseu*, 25 diz que foi Teseu quem instituiu a divisão dos atenienses em três categorias: *εὐπάτριδες*, *γεωργοί* e *δημιουργοί* (nobres, agricultores e artífices), o que nos faz pensar em dois tipos de distinção: 1. nobres por nascimento e trabalhadores; 2. agricultores e artífices que desempenham na cidade os vários ofícios.